

TRABALHO E RESPONSABILIDADE SOCIAL¹

Prof. Dr. Nilo Agostini²

O trabalho é hoje compreendido em sua importância fundamental para o ser humano, assim como o é o conhecimento, a liberdade e a própria linguagem. E. Mounier nos dizia, em meados do século XX, que o “homem é essencialmente artífex, criador de formas, fazedor de obras... que a *natureza do homem é o operador*”³.

Com a descoberta do fogo, eis que surge o elemento que permite dar especial qualidade ao trabalho com a emergência do *homo faber*. O fogo é energia, substituindo a dos animais domésticos. O qualitativo humano manifesta-se operante no uso desta energia, ao passar do “manual” para o “artesanal”, produzindo coisas por própria conta. Atende inicialmente às necessidades de sobrevivência para, em seguida, assegurar conforto, bem-estar etc. Entramos no industrial, da produção em cadeia com as máquinas, da robotização com a informática. O ser humano foi se revelando cada vez mais eficiente no trabalho.

Sabemos, hoje, que a eficiência no artesanal/industrial/robotizado tem trazido benefícios, porém, tem garantido, na verdade, mais o quantitativo. Cresce, entretanto, a consciência da nossa responsabilidade no tocante ao qualitativo. Este requer que se tome em conta aquelas ações e atitudes de fundo, referentes às relações ser humano-natureza, bem como à relação entre o crescimento econômico e o progresso social. Porém, não podemos parar neste patamar. Importa ter claro o lastro alimentador, sobre o qual se edifica este qualitativo. Este

¹ Palestra proferida na abertura da *VI Mostra PUC-Rio*, no dia 20 de agosto de 2002.

² Doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Atualmente, trabalha como Professor de Teologia Moral na Fajopa, de Marília, na Faculdade São Bento, São Paulo, capital, na Faculdade de Teologia Pio XI, São Paulo, capital, no Instituto de Teologia da Região Sé, da Arquidiocese de São Paulo, capital. E o Coordenador da Graduação dos Cursos de Teologia (graduação) da Fajopa e da Faculdade São Bento. Está publicando pela FTD o livro “Ética, diálogo e compromisso”.

³ E. MOUNIER, *La paura del secolo XX*, Florença, Nuova Itália, 1955, p. 29.

qualitativo necessita que o ser humano esteja bem consigo mesmo, respeite os outros seres humanos (seus semelhantes), seja responsável face à criação e cultive o espiritual, numa comunhão com Deus⁴. As relações básicas são, então, humanizadas integralmente; instaura-se o equilíbrio, cresce a responsabilidade, sendo tudo permeado por uma espiritualidade que, no amor, sustenta este qualitativo em qualquer dimensão e em qualquer área de atuação do ser humano.

1. O qualitativo do trabalho

O trabalho revela o grau de humanidade que atinge tanto a pessoa como a sociedade. Ele caracteriza o ser humano, realiza-o; revela a sua condição e conta a sua história; é reflexo de sua vocação. O trabalho, segundo o Papa João Paulo II, é “a chave essencial de toda a questão social” (LE 3).

Pelo trabalho, o ser humano distingue-se dos demais seres da criação pelo qualitativo, sobretudo quando ele representa um desdobrar-se a serviço dos outros num tal grau que o torna “partícipe da ação criadora de Deus”⁵. O trabalho constitui-se, portanto, uma vocação, um chamado ao “domínio” a ser exercido na criação, qual “senhorio”, o que nos faz lembrar Gn 1,28. O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, ponto alto da criação, é chamado a exercer este senhorio no sentido do cuidado responsável da criação, num pastoreio do que está aos seus cuidados, culminando numa reta administração dos bens. É o que nos sugere Gn 1,28, texto este que não compactua com um “domínio” que venha abrir as portas para a depredação e o desequilíbrio, aliás hoje existentes.

E se muitas são as mudanças relativas ao trabalho, em nossos dias, com a introdução das tecnologias avançadas, mormente a eletrônica e a engenharia genética, cabe descobrir “os novos significados” que este fato novo comporta, bem como “as novas tarefas” ante as quais nos deparamos (cf. LE 2). E, neste

⁴ Cf. A GARCÍA RUBIO, “Crise ambiental e projeto bíblico de humanização integral”, in VVAA, *Reflexão cristã sobre o meio ambiente*, São Paulo, Ed. Loyola, 1992, p. 10ss.

⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem aos trabalhadores argentinos* (10/04/1987).

particular, a Igreja busca, à luz da fé, captar as dimensões éticas, as responsabilidades morais, a densidade *teologal* das realizações humanas que se dão através do trabalho.

Não basta, para isso, focalizar o trabalho como realidade circunscrita a um campo isolado do humano. Faz-se mister tê-lo em conta na “sua relação com a automação em muitos campos da produção, com o custo da energia e das matérias de base, com a crescente consciência da limitação do patrimônio natural (ecologia...), com a existência de povos que ainda não ocuparam seu legítimo lugar nas decisões internacionais”⁶. “Estas novas condições e exigências irão requerer uma reordenação e um novo ajustamento das estruturas da economia hodierna, bem como da distribuição do trabalho” (LE 2).

Como imagem de Deus, o ser humano é chamado a ser sujeito do trabalho, operando conscientemente as técnicas, decidindo com liberdade para que o trabalho seja fonte de realização. O pensamento social da Igreja, na voz de João Paulo II, afirma que “a *finalidade do trabalho*, de todo e qualquer trabalho realizado pelo homem – ainda que seja o trabalho mais humilde de um ‘serviço’ e o mais monótono... – permanece sempre o mesmo homem” (LE 6). O ser humano é “o protagonista, o centro e o fim de toda a vida econômico-social” (GS 63). “A solução da maioria dos gravíssimos problemas da miséria encontra-se na promoção de uma verdadeira civilização do trabalho” (*Libertatis conscientia* 83), já que, em definitivo, “o trabalho é a *chave essencial* de toda questão social” (LE 3).

Com isso, fica claro que o trabalho é um bem do ser humano, não é uma mercadoria ou um simples instrumento de produção (cf. LE 7). Através dele, o ser humano, homem e mulher, participa da obra criadora de Deus e realiza-se enquanto pessoa e enquanto membro de uma comunidade, seja esta familiar, seja nacional, hoje cada vez mais globalizada.

⁶ Cf. N. AGOSTINI, *Ética cristã e desafios atuais*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2002, p. 226.

Hoje, num espírito empreendedor, cresce a consciência de avançar como sujeitos eticamente fundados, sendo o ser humano o *fim* do trabalho, tendo em vista o seu bem integral. Uma solidariedade sem limites, globalizada, exige de todos uma responsabilidade social que se traduza em ações cooperativas, redes de solidariedade, colaboração solidária, somando forças, superando fronteiras, numa perspectiva de inclusão do ser humano em todas as suas dimensões, bem como de todos os seres humanos indistintamente. Urge galgar o patamar qualitativo que inclua o cuidado responsável de toda a criação, superando os desequilíbrios ecológicos, sobretudo a depredação sem mais da natureza e todas as formas de emissão de poluentes atmosféricos e uso de agentes não biodegradáveis, entre outros.

2. Amor, compaixão e espiritualidade

Se há mais ou menos 6000 anos desenvolvemos a civilização agrícola, perdurando em muitos casos até nossos dias, despontou no séc XVII, firmando no séc. XVIII e XIX, a revolução industrial. Na segunda metade do século XX, entrou em cena a informática, hoje integrada fortemente em nossas vidas. No final do séc. XX e inícios do séc. XXI, deparamo-nos com as biotecnologias, através do desenvolvimento da engenharia genética e do vasto campo do projeto genoma. Porém, outro patamar se anuncia, um patamar civilizatório em termos qualitativos necessita ser alcançado: é a civilização do amor, nutrida pela compaixão e a espiritualidade, para responder a uma sede/fome desde sempre presentes no ser humano.

Por mais sofisticado que seja o fruto do trabalho humano, damo-nos conta que o ritmo da máquina moderna não está preenchendo o mundo da vida e que a leitura do mais ínfimo elemento do genoma humano não decifra por si só o sentido da vida. Há um trabalho, qual missão, qual mergulho a realizar que é o de *perfazer-nos* como humanos num equilíbrio das relações/dimensões básicas, porque fundantes do humano: consigo mesmo, com os outros, com a

natureza/criação e com a transcendência. Isto nos permitirá galgar patamares qualitativos fundados numa base sólida e não numa areia movediça.

Necessitamos – e podemos – *ser mais* do que simples adestrados e frios produtores de uma cadeia que produz sem limites, fazendo do que “é útil, eficiente e dá lucro” os valores supremos e exclusivos...; *ser mais* do que meros consumidores miméticos de uma publicidade não raro hábil em criar necessidades ilusórias...; *ser mais* agentes da história do que peças teleguiadas de um sistema civilizatório unidimensional, redutor, banalizando o humano...; *ser mais* gente, *ser mais* humanos, integralmente contemplados e plenificados.

Quantos vazios, apesar de repletas as poupanças; quanta fome, apesar de fartas as mesas; quanta ausência de sentido, apesar de tanta oferta de sentidos...; quanto individualismo, apesar de acotovelados em nossas metrópoles...; quanta indiferença, apesar dos gritos de tantos necessitados e empobrecidos...

Vazios, sim; vazios existenciais que criam um sistema de compensações, para o qual o consumismo sem freios, a droga, a bebida, o fumo, o sexo banalizado, a violência etc, são elos de uma civilização doente, compulsiva, à beira do colapso. E sonhamos com “qualidade de vida”...

A qualidade de vida, “interpretada prevalentemente ou exclusivamente como eficiência econômica, consumismo desenfreado, beleza e prazer da vida física”, já está dando mostras de sua distorção (cf. CA 37). Necessitamos perfazer-nos num cultivo das “dimensões mais profundas da existência como são as interpessoais, espirituais e religiosas” (cf. CA 37). E, assim, poderemos realizar o nosso “papel de colaboradores de Deus na obra da criação, sem substituir Deus” (cf. CA 32). Iremos, sim, prezar pela vida humana, vida de todos os seres humanos, “no seu direito primário e fundamental à vida, a sua dignidade de pessoa” e “sua vocação integral” (cf. EV 27).

Por um lado, o ambiente humano requer “a salvaguarda das condições morais de uma autêntica ‘ecologia humana’” (...), “bem como a devida atenção a uma ‘ecologia social’” (cf. CA 38), sem descuidar de toda a criação, segundo nos alerta, hoje, a crescente consciência ecológica; urge uma responsabilidade ante toda a criação, seres vivos e não-vivos.

O desenvolvimento sustentável, ainda fortemente ancorado em parâmetros econômicos, necessita incorporar mais o social e reconhecer o devido valor de toda a criação, isto para além do estritamente material, numa reduzida visão utilitarista. Neste ponto, o respeito da criação deve rimar com justiça social, sem descuidar da fonte, a comunhão com o Criador, Deus. Importa desenvolver uma co-responsabilidade ante o presente e o futuro da humanidade, “empenhando-nos na construção de uma sociedade democrática, social e ecologicamente justa e solidária”⁷. Além disso, urge desenvolver um conhecimento para além da fragmentação moderna, não raro unilateral e objetivante, para dar lugar a um conhecimento de comunhão, participativo e respeitador das alteridades. Que seja, sobretudo, “um conhecimento que procure *participar* e não *dominar*”⁸.

No dizer de Carlos Drummond de Andrade, depois de viajar para todos os recantos do universo, o ser humano, ainda insatisfeito, descobrirá que lhe falta a incomensurável viagem de si para si. Quem sabe, descobrirá, então, o Amor; deixará triunfar a Verdade; derramar-se-á em Compaixão; mergulhará em Deus, numa Comunhão sem limites. Pensará grande e será fiel desde o mais pequenino gesto ou palavra. Descobrirá que há um distintivo no Amor e fará dele a fonte de sua espiritualidade e crescerá no beber contínuo desta fonte. Seu trabalho representará, então, um debruçar-se esmerado e cheio de compaixão no cuidado (pastoreio) de tudo o que *vive*, de tudo o que *é* no concerto da criação, fazendo deste tempo que nos é dado viver o tempo da graça de Deus para nós.

⁷ J. R. JUNGES, *Ecologia e criação*, São Paulo, Ed. Loyola, 2001, p. 88.

⁸ Cf. A. GARCÍA RUBIO, *op.cit.*, p. 23.

Envolto pela graça de Deus, este ser humano compreenderá, então, que a união da dimensão espiritual e a corporal vence a fronteira da própria morte; e chega ao qualitativo da própria ressurreição. O mundo todo será transformado chegando aos “novos céus e à nova terra” (Is 65,17; 2Pd 3,13; Ap 21,1).

Com Maria, Mãe de Jesus, nós como humanidade, num mesmo enlace, sentimo-nos, hoje, igualmente impelidos a dizer: “Faça-se também em nós segundo a sua palavra. Eis aqui os servos, colaboradores de Deus” (cf. Lc 1,38), neste tempo da graça do Senhor que nos é dado viver. O anjo, enviado de Deus, talvez brindará os seus servos e colaboradores de hoje, de igual forma, com as palavras: “Alegra-te, cheio/a de graça! O Senhor está contigo” (cf Lc 1,28).

NB: Siglas usadas

CA: Carta encíclica *Centesimus Annus*, de João Paulo II.

EV: Carta encíclica *Evangelium Vitae*, de João Paulo II.

GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II.

LE: Carta encíclica *Laborem Exercens*, de João Paulo II.